



O que está acontecendo?

Foi essa a pergunta que o mundo fez para si mesmo durante os anos de guerra do Vietnã. O fracasso político e social da geração Woodstock, as ditaduras espalhadas pela América Latina e a crescente violência urbana foram os cartões de visita que a década de 70 apresentou. E foi justamente esse caldeirão de idéias que levou Marvin Gaye ao ápice de sua genialidade como compositor, em 1971, no disco "What's Going On".

O álbum teceu uma forte crítica aos costumes (ou falta de...) das pessoas naquele período. Religiosidade e política dividiram espaço com liberdade e ecologia nas letras de Gaye, como fica claro em Mercy, Mercy Me (The Ecology). What's happening Brother é um show à parte, com ritmo pulsante, vocais fantásticos e instrumentos e timbres escolhidos minuciosamente. A faixa título, que abre o disco, tem um dos refrões mais emocionantes da história, com uma interpretação única de Marvin Gaye.

Mesmo com todo esse requinte, não foi fácil convencer os executivos da gravadora Motown a apostarem no álbum. Gaye era uma das estrelas da empresa, com um catálogo invejável de canções no *hit parade* dos anos 60. Entrar na década seguinte com um disco de contestação, sem apelo comercial, seria no mínimo arriscado.



O próprio Barry Gordon, proprietário da Motown, afirmava que "música é para entreter, não para fazer pensar". Mas a briga foi comprada pelo artista, o álbum vendeu milhões de cópias e, além de ter sido o melhor já feito na história da *soul music*, é presença constante nas listas dos Top 10 de todos os tempos.

Pena que a história de Marvin Gaye tenha sido interrompida pela ironia. A violência e a estupidez, que ele tanto condenara, o levaram a morte, vítima de um tiro disparado pelo seu próprio pai, em 1984.

Quem sou eu para dizer o que as pessoas devem fazer, mas não seria nada mal, se nossos irmãos parassem para pensar no que está acontecendo... ainda!!!

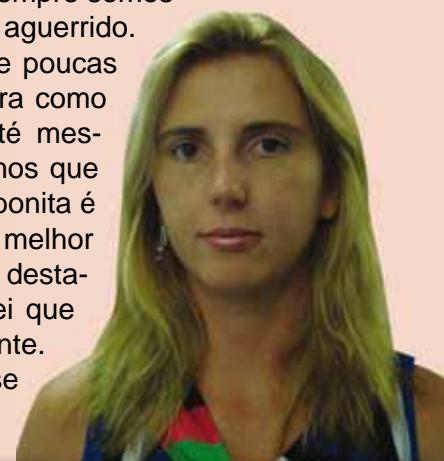
Guilherme Zanini é jornalista, coordenador da Tropical FM e correspondente da revista Guitar Player

Rodízio da redação

Saber se vender

A cada dia que passa parece que estamos mais próximos do fim. São terremotos, furacões, enxurradas, secas, e dezenas de outros desastres que assolam cidades, estados e países. Em alguns casos, situações semelhantes nunca haviam acontecido. Em outros, já são cenas comuns, mas que a cada novo acontecimento deixa um rastro de destruição e de desespero. Famílias que são dilaceradas, vidas roubadas, histórias findadas. Mas há uma luz no fim do túnel. Parece que a ajuda comunitária cada vez é mais expressiva. Estamos nos sensibilizando mais. Antes muitos sentiam, mas nem todos faziam. Parece que estamos assumindo mais a condição de ser humano. De ajuda ao próximo. E é isso que me conforta em ver que não, não estamos perto do fim. E sim de um recomeço. Quando recuperarmos a capacidade de nos ferir com o sofrimento alheio, penso que podemos mudar o mundo. Mas, desde o desastre do Haiti, venho discordando de todo este auxílio do governo federal a países devastados. Até acredito que seja uma iniciativa muito válida, e que deve continuar existindo. Mas este dinheiro é do povo brasileiro que, quando precisa, parece não ter o mesmo benefício. Afinal, Marques de Souza, Travesseiro e outras cidades do Vale do Taquari continuam à míngua. Porque nós, brasileiros e que pagamos impostos, precisamos aguardar meses para recebermos ajuda enquanto que outros países são beneficiados quase que imediatamente? Não sou contra esta ajuda internacional. Mas desde que não sejamos esquecidos. Mas isso já é até uma característica do Rio Grande do Sul. Parece que fazemos parte de outro mundo. Trabalhamos para sustentar estados que vivem de festa. A imagem que se tem, fora daqui, é de que os gaúchos vivem no campo, com o chimarrão na mão. Nem sempre somos vistos como um povo bravo, aguerrido.

O problema, acredito, é que poucas vezes mostramos nossa cara como deveríamos. Até porque, até mesmo no nosso dia-a-dia, vemos que o pavão com a cauda mais bonita é que conquista. Aquele que melhor se mostra parece alcançar o destaque maior. Sempre acreditei que fazer bem feito era suficiente. Mas não. É preciso saber se vender.



Carine Schwingel / carine.jornal@joinet.com.br

Salada de Verão

Em dias de muito calor, essa receita da Nestlé é uma boa pedida para ser degustada com uma carne magra e batatinhas cozidas na água e tostadas na manteiga.

Ingredientes:

Salada
 ½ maço de alface crespa
 ½ maço de alface americana
 1 cenoura ralada
 1 beterraba ralada
 100g de mussarela cortada em rodela pequena (enrole o queijo e corte-o)

Molho
 1 caixa de creme de leite
 2 colheres (sopa) de suco de tangerina concentrado
 1 tablete de tempero de seu gosto (sugestão é o Meu Segredo, da Maggi)

Modo de Preparo

Salada
 Rasgue as folhas de alface e coloque-as em uma saladeira
 Distribua a cenoura, a beterraba e a mussarela sobre as folhas

Molho
 Misture todos os ingredientes até ficar homogêneo.
 Distribua sobre a salada e sirva
 A porção rende 6 porções

Dica do Chef
 O melão e a melancia proporcionam excelentes sucos de verão, pois essas frutas contêm bastante água e ajudam a manter o corpo hidratado

Confira no site:

Cação ao molho cremoso de limão

Tagliolini ao creme aromatizado com sálvia e presunto cru

Acesse nosso site - www.saboresamesa.com.br | Participe enviando comentários, sugestões ou críticas - coluna@saboresamesa.com.br

